

# História do jornalismo no Rio Grande do Norte: o primeiro tipógrafo do primeiro jornal

Gustavo Leite Sobral<sup>1</sup>  
Juliana Bulhões<sup>2</sup>

*History of journalism in Rio Grande do Norte: the first typographer of the first newspaper*

Revista Galo v. 5 n. 10  
<https://doi.org/10.53919/g1012>

---

**Resumo.** Esse artigo se debruça sobre a trajetória do primeiro tipógrafo do primeiro jornal em circulação no Rio Grande do Norte, *O Natalense* (1832–1837). Aliando pesquisa histórica e escrita narrativa, a pesquisa procurou recuperar a memória, examinar a documentação e contextualizar o momento político. Uma oportunidade para preencher não só uma lacuna nos estudos sobre o jornalismo, mas também para registrar primórdios da atividade jornalística no Brasil no começo do século XIX. Tarefa que não seria possível sem a pesquisa nos próprios jornais de época, fonte documental ainda pouco explorada pela história do jornalismo.

**Palavras-chave.** Jornalismo. História do Jornalismo. Jornal. Rio Grande do Norte.

**Abstract.** This article focuses on the trajectory of the first typographer of the first newspaper in circulation in Rio Grande do Norte, *O Natalense* (1832–1837). Combining historical research and narrative writing, the research sought to recover memory, examine documentation and contextualize the political moment. An opportunity to fill not only a gap in journalism studies, but also to record the beginnings of journalistic activity in Brazil at the beginning of the 19th century. A task that would not have been possible without researching the periodical newspapers themselves, a documentary source that has still been little explored in the history of journalism.

**Keywords.** Journalism. History of Journalism. Newspaper. Rio Grande do Norte.

## Introdução

Os estudos no campo da história do jornalismo podem compreender uma série de trabalhos publicados que abarcam obras de cunho generalista, como histórias gerais do jornalismo; obras de cunho particular, como a história de determinados veículos de comunicação; e textos de cunho biográfico, como histórias de vida de jornalistas.

A história do jornalismo não é só, portanto, um campo de estudo sedimentado, mas também diverso em abordagens de pesquisa. Morel e Barros (2003) constataram que a história

---

<sup>1</sup>Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6130-988X>. ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4597440453072251>. E-mail: [gustavo@gustavosobral.com.br](mailto:gustavo@gustavosobral.com.br).

<sup>2</sup>Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC-UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6221-2696>. ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6317449171496875>. E-mail: [julianabulhoes.ad@gmail.com](mailto:julianabulhoes.ad@gmail.com).

do jornalismo se ampliou para incluir publicações avulsas, livros, formas de circulação e recepção, as dimensões políticas, econômicas, etc.

Barbosa também considera a importância das histórias regionais para a história do jornalismo: “É preciso que os que se interessam pelo estudo da história da imprensa se voltem para a particularização das regiões, construindo mais histórias localizadas em espaços sociais específicos, do que enfeixando suas análises sob a ideia de totalidade” (Barbosa, 2010, p. 12).

Não foi outra a proposta a que nos lançamos ao pesquisar uma publicação avulsa, o jornal *O Natalense*, primeiro impresso publicado no Rio Grande do Norte, que circulou entre os anos de 1832 e 1837, recuperando o contexto que permitiu a criação do jornal, os envolvidos, o momento político e as condições econômicas. Foi um primeiro passo.

Ao pesquisar sobre o jornal e, conseqüentemente, sobre o jornalismo do século XIX, encontramos diversos jornais que podemos chamar “anônimos”, pois desprovidos do cunho da autoria no que tange à redação. Não só as matérias não eram assinadas, como também não havia menção, na maioria das vezes, aos redatores, tampouco aos tipógrafos. A figura do tipógrafo é lembrada na história do jornalismo como uma nota de rodapé quando se menciona que os jornais eram impressos e rodados nas tipografias.

Uma tipografia, na verdade, era uma casa impressora onde se podia imprimir diversos jornais diferentes e cuja importância ainda não mereceu dos estudos históricos a devida relevância. É preciso lembrar que mesmo que os redatores não fossem nomeados, a tipografia era.

Acredita-se que a identificação da casa tipográfica era uma prática que merecia registro e, inclusive, se pode contar a história dos jornais investigando as tipografias e entendendo quantos e em que período determinados jornais foram impressos numa mesma tipografia.

Interessante também observar que o termo tipografia referia-se e refere-se ao maquinário, o prelo, à atividade e ao negócio. Numa tipográfica se imprimiam também livros, panfletos, etc. E o responsável pelo trabalho era o tipógrafo. Um trabalho que exigia conhecimento da língua em que o jornal seria impresso, pois era preciso compor o texto além de dominar a técnica.

Dominar a língua e a tecnologia da impressão no Brasil colônia e depois no Brasil independente, onde a alfabetização era para poucos, demonstra que a figura do tipógrafo era a de um profissional qualificado e necessário, e que, sem ele, não haveria jornal.

A figura do tipógrafo é de total importância para a indústria do jornalismo no século XIX, quiçá, primordial, pois sem tipógrafos não se faziam jornais. O que demonstra a proliferação de jornais no século XIX, que se concentravam sobretudo no Rio de Janeiro.

As demais províncias, quanto mais distantes do centro, o Rio de Janeiro, sofreram com a ausência de profissionais tipógrafos e com a ausência das máquinas. É por todo este contexto, também caminho e aspecto do fazer jornalístico do século XIX, que pretendemos passar a nos debruçarmos sobre a figura do tipógrafo Carlos Eduardo Muller de *O Natalense*.

Dessa forma, continuamos a partilhar do interesse no estudo da história do jornalismo, projeto a que nos lançamos em 2016, ao iniciarmos um levantamento sobre biografias,

autobiografias e memórias de jornalistas brasileiros (Bulhões; Sobral, 2016); e também ao nos dedicarmos a explorar a faceta jornalística de Rachel de Queiroz (Bulhões; Sobral, 2017) e de Rubem Braga (Sobral; Bulhões, 2016).

E, em se tratando do jornalismo do Rio Grande do Norte, nos dedicamos a pesquisar e escrever sobre a atuação jornalística da poeta Zila Mamede (Bulhões; Sobral, 2019); do jornalista e cronista Berilo Wanderley (Sobral; Bulhões, 2017); e dos cronistas da cidade Berilo Wanderley, Newton Navarro e Sanderdson Negreiros (Sobral; Bulhões, 2018b), buscando nas crônicas e artigos um discurso autorreferente sobre o ser jornalista.

Ao mesmo tempo, desenvolvemos um trabalho de registro memorialístico acerca do jornalismo no Rio Grande do Norte a partir da coleta de depoimentos de jornalistas locais que resultou na publicação do livro *Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte* (Sobral; Bulhões, 2018).

Todo este percurso voltado à história do jornalismo também nos levou a uma busca por fontes bibliográficas acerca do tema, o que nos motivou também a um levantamento bibliográfico sobre história do jornalismo no Rio Grande do Norte — trabalho que também esperamos publicar em breve.

Acreditamos que escrever sobre o primeiro jornal do Rio Grande do Norte, *O Natalense*, e sobre o primeiro tipógrafo deste primeiro jornal, é explorar mais uma vertente na gama possível e variada de estudos acerca da história do jornalismo. Para tanto, continuamos, como o fizemos ao escrever sobre *O Natalense*, a nos valer do método narrativo como instrumento para escrita.

As fontes exploradas foram as mais diversas: trabalhos sobre o jornal e jornalismo no Rio Grande do Norte como Fernandes (1908), Cascudo (1940) e Melquíades (1987) — registramos a escassez de estudos mais recentes e pesquisas voltadas para a história do jornalismo e da imprensa no Rio Grande do Norte no século XIX —; e os trabalhos gerais sobre história do jornalismo no Brasil: Morel e Barros (2003), Bahia (2009), Barbosa (2010) e Molina (2015).

Também foi de fundamental importância para recompor a trajetória do tipógrafo do Brasil império, Carlos Eduardo Muller, a própria consulta aos jornais de época, uma fonte inesgotável de informações em um trabalho quase detetivesco de recuperar no arquivo dos jornais o passo a passo desde tipógrafo e, a partir de sua história de vida, passar a conhecer o trabalho, a função e o papel deste profissional na confecção dos jornais.

Uma primeira tentativa de estudo e base para aprofundá-lo e desenvolvê-lo neste artigo é um texto sobre o tipógrafo publicado no jornal em circulação na cidade do Natal/RN, *Tribuna do Norte*, por Sobral e Menezes (2021), em uma série de publicações do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

No que tange, em especial, a este artigo que ora publicamos, partimos das mesmas premissas que nos valem ao escrever sobre o primeiro jornal, aquelas que nos apresenta Wainberg e Pereira (1999) para recuperar a memória, examinar a documentação e contextualizar o momento político.

Assim, buscamos recuperar a importância das tipografias para o jornalismo do século XIX; o papel da Tipografia Natalense, casa publicadora do jornal homônimo; *O Natalense* e a trajetória, a título de ensaio-biográfico, do tipógrafo Carlos Eduardo Muhlert ao, a partir de pesquisa em jornais da época, traçar o itinerário de sua atividade e de sua vida.

## Tipografias e tipógrafos

A vinda da Família Real para o Brasil em 1808, transplantando a sede da coroa portuguesa para o Rio de Janeiro, ocasionou uma série de mudanças na vida da colônia. Entre elas, a permissão para instalação de tipografias. Na Bahia foi instalada em 1811; Pernambuco em 1815, mas que só passou a funcionar em 1817; na Paraíba em 1817; no Maranhão em 1820; no Ceará em 1824; e, no Rio Grande do Norte, apenas em 1832, por iniciativa do padre Francisco de Brito Guerra (Molina, 2015).

Não era empreendimento simples montar uma tipografia. Uma oficina tipográfica, por mais precária que fosse -e eram todas elas precárias, — exigia, além do equipamento — o prelo, máquina manual — um redator, um tipógrafo e um impressor, profissionais que surgiram junto com a imprensa no Brasil. É certo que a aquisição de um prelo só seria prudente se houvesse um tipógrafo capaz de manejar os tipos e orientar a impressão.

Sem recursos, não havia jornal, sem jornal não havia trabalho, sem trabalho, não havia atividade e ganha pão para o tipógrafo. Além disso, havia uma escassez de tipógrafos no Brasil. Todos estes fatores contribuem para a volatilidade dos jornais e para a instabilidade do ofício.

A escassez de mão de obra especializada no Brasil se tornaria uma constante. A Imprensa Régia teve que divulgar um aviso informando que havia vaga para compositor, impressor, batedor, etc., e seria a principal fornecedora de mão de obras para as oficinas que surgiram depois.

A tipografia era a oficina onde se imprimiam jornais e livros como também o termo denomina o processo para a composição do texto utilizando-se a prensa e os tipos móveis. As páginas para impressão são formadas pela junção dos tipos que quando ordenados formam uma chapa sobre a qual se aplica a tinta que pressionada sobre o papel forma a impressão. O tipógrafo era o responsável por compor os textos; e o impressor, o responsável por acionar a prensa para realizar a impressão.

Cabia ao tipógrafo montar o texto que seria impresso. Com uma das mãos, o tipógrafo selecionava nas caixas os tipos que colocava no “componedor”, espécie de régua metálica, que segurava com a outra mão, montando o texto. Um tipógrafo no Recife recebia em média 100 réis para compor mil letras. Um jornal de quatro páginas como *O Natalense* poderia demorar 16 horas para ser preparado.

O trabalho do tipógrafo era, portanto, um trabalho intelectual e manual, pois exigia que se soubesse ler e escrever para lidar com a composição dos tipos; enquanto o trabalho de impressor era braçal, manuseando a alavanca mecânica que figurava quase como uma extensão do seu braço. E assim se fazia a impressão dos jornais.

## A tipografia e o jornal *O Natalense*

No Rio Grande do Norte, o jornal vem antes da tipografia. A princípio, impresso em tipografias de outras províncias — Maranhão, Pernambuco e Ceará —, *O Natalense*, chegava atrasado aos leitores.

Foi então que o Padre Francisco de Brito Guerra, o fundador do jornal, se uniu a Basílio Quaresma Torreão, José Fernandes Carrilho e Urbano Êgide da Silva Costa Gondim de Albuquerque e fundaram uma sociedade anônima, a Sociedade Tipográfica, para aquisição de uma tipografia e a contratação de um tipógrafo.

O prelo foi adquirido no Recife ao preço 1.629\$840, com desconto de 39\$840, a custo líquido 1.590\$, despesas mais de 262\$ para transporte e técnico. Provavelmente, um dos dois modelos que circulavam no Brasil, ou o inglês *Stanphone*; ou o norte-americano *Columbian* — bastante difundido nas províncias de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Maranhão.

A Tipografia Natalense foi oficialmente instalada em 2 de setembro de 1832, na rua do Meio, Cidade Alta, em Natal, e ali permaneceu até 1833, quando mudou para Rua Grande, no mesmo bairro. Em 1835, a oficina está na rua da Alfandega, bairro da Ribeira, com nova mudança, para a Rua Grande, na Cidade Alta.

*O Natalense*, que se autodenominava político, moral, literário e comercial, trazia como epígrafe a seguinte citação em latim atribuída a Erasmo: “*Admonere volumus, non mordere; prodesse, non laedere; consuleri moribus hominum, non officere*” que se pode traduzir por “quisemos admoestar, não afligir; aproveitar, não ofender; vigiar os costumes dos homens, não prejudicá-los”.

Os jornais geralmente circulavam uma vez por semana. *O Natalense* circulava aos sábados. O preço do exemplar era 80 réis; a assinatura quadrimestral saía por 2\$000; a semestral, 3\$200; e a anual, 6\$000. Nem mais caro, nem mais barato que os outros.

O próprio jornal informava aos leitores os locais onde poderia ser adquirido. No primeiro ano, 1832, em Açu, na casa de José Varela Barroca; e em Goianinha, na casa de Ignácio Joaquim Dias. Em 1833, em Goianinha passou a ser vendido na residência de Luiz Gomes Marinho; e em Açu na do sócio acionista Luiz Fonseca da Silva. Em 1834, em Natal, na Cidade Alta, na rua da Conceição.

O jornal deixou de circular em 1837, mas a tipografia continuou a imprimir outros periódicos até ser finalmente fechada em 1842. Era caro imprimir jornais, além do custo inicial para a aquisição do equipamento e manutenção da sede, havia o pagamento dos funcionários e o custo do papel que além de escasso era caro, representava 80% das despesas.

Enquanto o presidente da província era o sócio acionista Basílio Quaresma Torreão, a tipografia teve receita para imprimir *O Natalense*. No entanto, com a saída do presidente do cargo, o jornal não conseguiu sobreviver, dada a recusa do sucessor em pagar a conta de impressões de leis e projetos contratadas em 1836. E o primeiro jornal teve então sua vida abreviada.

## O tipógrafo Carlos Eduardo Muller

Acredita-se que o tipógrafo contratado para *O Natalense*, o alemão Carl Eduard Muhlert, provavelmente tenha vindo do Recife, tendo ele mesmo vendido a tipografia em que trabalhava ou que tenha sido contratado no Rio de Janeiro. No entanto, não foi localizada, no período anterior a 1833, nenhuma menção ao tipógrafo ou à tipografia pertencente a Muhlert no Recife, muito menos de sua atuação no Rio Janeiro.

Carl Eduard Muhlert no Brasil se tornaria Carlos Eduardo Muller, Müller, Muhlert, Muhlert, Mulhert — seu nome aparece grafado nos jornais de diversas formas. Vamos adotar, dentre estas grafias, quando não houver uma específica mencionada no jornal ou documento citado, a grafia Muller, como consta na versão abrigada do seu nome.

A tradução dos nomes dos estrangeiros que chegavam ao Brasil no começo do século XIX ainda é uma incógnita. Não se sabe se era uma providência adotada pelo próprio escrivão ou uma deliberação do próprio estrangeiro. Portanto, Carl Eduard Muhlert, natural de Brunswick, Alemanha, se tornou Carlos Eduardo Muller quando chegou ao Brasil e se tornaria posteriormente brasileiro naturalizado, pois solicitou a naturalização em 1857, quando residia em Pernambuco, e foi atendido.

Presume-se que tenha entrado no Brasil pelo Rio de Janeiro — conforme o volume 46 das publicações históricas do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, dentre os anos de 1808 e 1822, aproximadamente 237 germânicos aportaram no porto do Rio —, não só por haver um registro significativo da entrada de germânicos pelo porto do Rio de Janeiro, mas também por não constar nos registros de entrada por outros portos brasileiros.

Esta presunção se baseia também por não constar o seu nome no Registro de Estrangeiros nas Capitanias (1777–1819), publicado em 1963 pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, com base na coleção 371 de seu acervo que reuni em uma lista alfabética, os estrangeiros registrados que aportaram nas capitanias do Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e São Pedro do Rio Grande do Sul, um total de 601 nomes.

A falta de documentos não nos permite chegar a uma conclusão, como também não localizamos qualquer menção a sua data de nascimento. Data que pode ser presumida a partir da sua data de falecimento que aparece pelos jornais. Se faleceu aos 70 anos em 1882, é possível inferir que tenha nascido por volta de 1812.

Em assim sendo, e com a informação que chegou ao Brasil por volta dos sete anos idade, podemos acreditar que aportou por volta de 1819; e se chegou a tipografia de *O Natalense* em 1832, que era um jovem tipógrafo na casa dos 20 anos de idade. Não se sabe em que condições veio para o Brasil e o porquê, como também não se sabe como se fez tipógrafo.

Mas onde terá aprendido o ofício e com quem? Infelizmente, é mais um dado que permanece uma incógnita pela completa falta de informações. Ao que parece, Carlos Eduardo Muller aprendeu o ofício no Brasil e passou a exercer a atividade por toda vida com passagens por Natal, Fortaleza, Recife e Aracaju, entre outras localidades.

Carlos Eduardo Muller seria o primeiro tipógrafo a atuar na província do Rio Grande do Norte e pela sua trajetória foi neste ofício que se fez até o fim da vida transitando pelo Brasil, acredita-se que em busca de melhores condições de trabalho.

Havia uma escassez de tipógrafos no Brasil, sobretudo, nas províncias mais distantes do Rio de Janeiro. Além disso, os jornais eram políticos, e recebiam financiamento das figuras políticas da situação que faziam publicar os expedientes do governo, mas que, quando deixavam a situação, o jornal perdia a renda garantida.

Todos estes fatores contribuem para a volatilidade dos jornais e para a instabilidade do ofício, marcando essencialmente a atividade do tipógrafo Carlos Eduardo Muller como itinerante.

Consta que o fim da experiência de Carlos Eduardo Muller em *O Natalense* em 1833 o levou ao Rio de Janeiro, de onde supostamente havia vindo, provavelmente por apresentar maiores oportunidade de trabalho. Informação que não pudemos confirmar ao procurar menções ao seu nome em jornais do Rio de Janeiro do período.

Não obstante, vamos encontrar seu paradeiro, muito depois, não tão longe do Rio Grande do Norte. Localizamos Muller no Ceará. Não há registros sobre o tipógrafo até 1841, quando aparece na condição de diretor do jornal 23 de julho em Fortaleza, Ceará, editado pela Tipografia Patriótica, na Travessa da Carolina, da qual constava, José Lourenço na condição de redator e o alemão Carlos Eduardo Müller na situação de diretor.

Parece que mudou de status ao aparecer na condição de diretor que não era outra a de que encarregado pela parte comercial da tipografia, ou seja, recebimentos, pagamentos, fiscalização do processo de impressão e pessoal, compra de insumos, distribuição, vendas, e o que mais houvesse a resolver e providenciar. Mas parece que não se demorou muito na função.

No ano seguinte, 1842, deixa Fortaleza, pois vamos encontrar nos jornais menção a sua presença em Imperatriz, atual Itapipoca, também no Ceará. Consta que começou a participar ativamente da vida política local. É importante recordar que o Brasil entre a Independência e a aclamação da maioria de Dom Pedro II, viveu sobre o estouro de revoltas e revoluções.

O envolvimento político de Carlos Eduardo Muller, possivelmente, advinha de sua lida nos jornais e da sua integração com os redatores, geralmente envolvidos nos movimentos e querelas da política que moviam a redação dos jornais. Muller se tornou, portanto, um partidário, aderindo à revoltas e manifestações populares.

Não podemos esquecer que os jornais eram essencialmente de cunho político e gazetas nasciam e morriam ao sabor de causas e paixões para defender tais e quais interesses, sobretudo, daqueles que atuavam na política partidária. Entre conservadores e liberais, os jornais se dividiam pelas causas que moviam estas agremiações.

Ao que parece Carlos Eduardo Muller participou efetivamente da vida política do Brasil, mesmo na condição de estrangeiro, vamos encontrar menção à sua participação na Sedição de Exu, no Ceará, e do último movimento político que agitou o Império, a Revolução de 1848, em Pernambuco, conhecida por Praieira.

Os anos 1840 foram de arroubos revolucionários para o tipógrafo, pois do Ceará a Pernambuco, envolveu-se nas revoltas de maior monta. Não se sabe, infelizmente o que levou a sua mudança para Pernambuco. Entre a sua chegada ao Ceará em 1842 e sua participação em Praieira, em 1848. O perdemos de vista por completa ausência do seu nome nos jornais e a também completa ausência de outros registros em seu nome.

Muller foi então preso por ter se integrado ativamente à Praieira e, posteriormente foi liberado em razão da sua indispensável atividade de tipógrafo, conforme consta nos despachos do chefe de polícia Honório Carneiro Leão, datado de 6 de julho de 1849: “cumpre que o mande por em liberdade, visto que, sendo ele compositor e impressor, a sua detenção pode embaraçar a livre publicação pela imprensa de quaisquer escritos”.

Muller foi salvo da prisão pela essencialidade de sua atividade. Interessante observar, e o despacho do chefe de polícia não nos deixar pensar de outra forma, que a necessidade de uma imprensa ativa prescindia da essencialidade do serviço do tipógrafo para existir.

O revolucionário Muller parece que se deixou ficar em Pernambuco, no Recife, e completamente dedicado à profissão, integrando, inclusive, uma associação de classe. Muller integrou a Associação Tipográfica de Pernambuco pois consta não só que participava das reuniões, como também consta que era vice-presidente. Importa destacar que os tipógrafos se reuniam enquanto classe trabalhadora atuante, haja visto as constantes menções a reuniões que saiam nos jornais.

O Decreto nº 920, de 26 de agosto de 1857, autorizou o governo a conceder a carta de naturalização a Carlos Eduardo Muhlert. E daí por diante se tornou brasileiro, embora sempre conste nos jornais em menção ao seu nome o fato de ser alemão, “alemão Carlos Eduardo Muhlert...” Depois disso, um longo hiato, e só vamos encontrar nova menção ao seu nome, em 1863, quando aparece Carlos Eduardo Muhlert, alemão, com a naturalização brasileira deferida, morador em Sergipe.

Ao que parece entre o pedido e a efetiva concessão, seis anos se passaram e ao que parece Muller jamais deixou a atividade de tipógrafo. Não se sabe os motivos que o levaram a requerer a naturalização e ao que parece não havia desejo de retornar à Alemanha. Muller constituiu família no Brasil, foi casado e teve filhos.

E editou um jornal alemão no Brasil, como consta nos *Anais da Imprensa Periódica Pernambucana* (1821–1908), publicado por Alfredo de Carvalho, entrada 586:

*O Campeão Alemão*, periódico literário e acidentalmente político, destinado à expansão do germanismo no Norte do Brasil, foi editado por Carl Eduard Muhlert e escrito em alemão exclusivamente por Tobias Barreto de Menezes. O prospecto anunciando o seu aparecimento trazia data de 1 de julho. Raríssimo.

Muller chegou a receber uma condecoração do governo imperial, trata-se da Ordem da Rosa, criada em 17 de outubro de 1829 pelo imperador Pedro I, destinada a condecorar aqueles que prestaram serviços relevantes ao país. Foi nomeado cavaleiro da Ordem da Rosa em 1875,



“por relevantes serviços prestados à humanidade” e “pelos serviços que prestou à instrução pública”. Quais serviços teriam sido estes? A essencialidade da atividade de tipógrafo? O que terá motivado esta concessão e quem a sugeriu? São perguntas ainda sem respostas.

É a última informação que sobre ele encontramos nos jornais até nos depararmos com a notícia do seu falecimento e a publicação de um necrológio deveras útil para se conhecer um pouco mais sobre a trajetória do tipógrafo. Dois registros que nos permitiram situar a data possível do seu nascimento e a precisa do seu falecimento.

A partir da nota e do necrológio somos também informados do fato dele ter sido proprietário de uma tipografia, a Mercantil; que era casado; que foi membro da Sociedade Luso-Brasileira; e a confirmar outros mais, como a sua naturalização e a ordem recebida do governo imperial.

Muller faleceu em 22 de julho de 1882, sendo maior de 70 anos. Vale reproduzir um pouco da nota e o necrológio publicados pelos jornais pernambucanos. *O Jornal de Recife*, edição de 23 de julho de 1882, publica a seguinte nota:

(...) dono da tipografia Mercantil. Filho da Alemanha estava aqui desde muitos anos onde casou-se, tendo-se naturalizado cidadão brasileiro. Foi um dos sócios fundadores da Sociedade Luso-Brasileira do qual fora presidente duas vezes, e era agora vice-presidente. Tinha 70 anos de idade. O seu corpo está depositado na igreja do Corpo Santo, de onde sairá o enterro hoje às 2 horas da tarde.

*O Diário de Pernambuco* emendou um necrológio na edição de 23 de julho de 1882:

Também, ontem, à 1 e ½ hora da tarde, sucumbiu a uma complicação de moléstias internas, o velho e excelente tipógrafo, e ultimamente proprietário de uma tipografia, Carlos Eduardo Muhlert, que era maior de 70 anos. Carlos Muhlert era alemão de nascimento, mas, tendo vindo para o Brasil ainda criança, identificou-se por tal modo com a nova pátria, que era brasileiro de coração, e verdadeiro amigo desta terra, onde viveu os melhores de seus dias. Habilíssimo tipógrafo, bom impressor, e muito trabalhador e econômico, conseguiu juntar algum pecúlio, que lhe serviu para, há cerca de 20 anos, por uma tipografia de sua conta, da qual era ele o primeiro operário e mestre. Infelizmente, os negócios não lhe correram bem, e grandes desgostos passou ele no seu último quartel de vida, concorrendo tais desgostos para arruinar-lhe a saúde e aproximar o termo fatal de sua laboriosa vida de artista. Era condecorado com o hábito da Rosa, por serviços prestados à instrução pública. Sobre sua campa, que encerra um nosso irmão de lutas neste jornadejar tipográfico, esfolhamos uma saudade, que vai regada com uma lágrima de pesar por tão duro golpe. O corpo acha-se depositado na igreja do Corpo Santo, onde terão lugar, hoje, pelas 3 horas da tarde, os últimos sufrágios, sendo depois conduzido ao cemitério de S. Amaro”.

## Considerações finais

Este artigo sobre tipografias e tipógrafos e, em especial, sobre a Tipografia Natalense e a trajetória do tipógrafo Carlos Eduardo Muller é uma oportunidade de compor uma lacuna nos estudos do jornalismo e é também um espelho dos primórdios da atividade jornalística no Rio Grande do Norte, começo do século XIX, e que não seria possível sem a pesquisa nos próprios jornais de época uma fonte documental ainda pouco explorada pela história do jornalismo.

A história dos jornais no Brasil implica a formação de uma plêiade de publicações de Norte e a Sul que demonstram a importância destes veículos não só como diários oficiais, mas também para a disseminação de ideias políticas e informes necessários como preços dos gêneros alimentícios, comunicados públicos e horário de partidas e chegadas de transportes e que hoje são fonte indispensáveis, por isso, se torna também importante conhecer o seu fazer.

Acreditamos também que conhecer como se dava o processo de impressão dos jornais e o papel e trajetória dos tipógrafos nos permite também observar que o jornalismo se exerce com exigência de conhecimentos tecnológico, investimento em equipamentos de ponta e profissionais qualificados que, infelizmente, como se percebe, já eram no tempo do Brasil colônia desvalorizados e mal remunerados, embora essenciais. O trabalho precarizado, infelizmente, é um marco na nossa história.

O que nos mostra também que, mesmo desprestigiado, a não ser quando se trata de registro de um tempo, o conhecimento do passado da história do jornalismo pode nos trazer reflexões para o presente e, inclusive, nos causar espanto a nos mostrar que o tempo passa, mas que o jornalismo do século XIX continua sob as mesmas bases no século XXI. Alguns cenários não mudam e os dilemas do presente muitas vezes não são tão novidadeiros como se pensa.

## Referências

BAHIA, Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**, v. 1. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800–1900**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. Rachel de Queiroz, jornalista. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 14, p. 39–50, 2017.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo. **Mapeamento das biografias e autobiografias de jornalistas brasileiros: primeiros resultados**. In: Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, Boa Vista, 2016.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo. Zila Mamede, jornalista. **Revista Passagens**, v. 10, p. 46–56, 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O primeiro jornal e o primeiro tipógrafo**. Acta Diurna, A República, 30 de maio de 1940.

FERNANDES, Luiz. A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832–1908, Parte I – Notícia histórica. **Revista IHGRN**, vol. VI, n. 1 e 2, jan. 1908, p. 3–136.

MELQUÍADES, José. **Padre Francisco de Brito Guerra, um senador do Império**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1987.

História do jornalismo no Rio Grande do Norte: o primeiro tipógrafo do primeiro jornal

MOLINA, Matias M. **História dos jornais no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOREL, Marcos; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOBRAL, G. L.; MENEZES, A. F. P. F. M. E. **O primeiro tipógrafo do primeiro jornal**. Tribuna do Norte, 26 set. 2021.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana (Orgs.). **Memórias do Jornalismo no Rio Grande do Norte**. Natal-RN: Caravela Selo Cultural, 2018a.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana. Rubem Braga, jornalista: o cronista repórter. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, p. 85–98, 2016.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. Crônica: jornalismo autobiográfico nos jornais da cidade do Natal (1950–1980). **Temática**, v. 6, p. 16–29, 2018b.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. Narrativas autobiográficas na crônica de Berilo Wanderley. **Revista Passagens**, v. 8, p. 123–134, 2017.

WAINBERG, Jacques A.; PEREIRA, Manuel Luís Petrik. Estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 1983–1997. **Revista Famecos**, Porto Alegre: PUCRS, v. 6, n. 11, p. 27–37, 1999.

Recebido em 25 mar. 2024. Aprovado em 10 jun. 2024.